



# VIVERO DE INICIATIVAS CIUDADANAS [VIC]

## Transferências da inovação social ao espaço público

*(VIC: Transfers of social innovation to public space)*

Esau Acosta Pérez, Mauro Gil-Fournier Esquerre e Miguel Jaenicke Fontao\*

Tradução ao português: Fernando G. Vázquez Ramos

### Resumo:

O “Vivero de iniciativas ciudadanas” é uma iniciativa de jovens arquitetos espanhóis que desde 2008 atua para montar uma estrutura participativa (plataforma aberta que atua na Web e no mundo físico) de caráter colaborativo. Orientada a promover, difundir, analisar e apoiar iniciativas e processos críticos que possam ser colocados em prática não território e no espaço público.

Seu objetivo é permitir a transferência da inovação social ao espaço público, e isto, pressupõe repensar e trabalhar sobre o espaço urbano como espaço comum à cidadania.

Observar e cartografar iniciativas cidadãs, o que supõem “outra forma de fazer as coisas”, permite incorporar novos conceitos, agentes e iniciativas de inovação social, para poder estudar sua aplicabilidade a projetos e propostas não âmbito da arquitetura e do urbanismo.

O grupo comparte o conhecimento coletivo de suas diferentes formações profissionais, em diversos workshops, encontros e foros abertos, atualizando e gerando vínculos com a sociedade.

**Palavras-chave:** Innovación social, espaço urbano, sustentabilidade, empoderamiento, participação cidadã, esfera pública, procomún.

### Abstract:

VIC is an open platform that aims to reconsider and work on urban space as shared space for citizens in the city. It aims to serve as an incentive for the transfer of social innovation processes, generated by practices related to citizen initiatives, to the public space. The work process will be applied to possibilities for carrying out these initiatives along a specific study case. The goal is to foster consultation and participation processes that listen to and assist physician forms of organization and self organization, highlighting knowledge production and community experience in decision-making processes that configure the public sphere. A collaborative, open-source project orientated to promote, spread, analyze and support initiatives and critic processes in a proactive way throughout all the civic society layers, with special incidence in the transferences to the territory, the city and the public space.

**Keywords:** Social innovation, public space, sustainability, citizen participation, empowerment, public sphere, commons.

\*Co-criadores e sócios fundadores do escritório SIC\*  
- escritório FAM\*\* antes de 2009. Agitadores e organizadores do VIC.

## Apresentação

### Qual é a forma de facilitar a transferência da inovação social ao espaço público?

Que ferramentas você crê que tem para oferecer à comunidade e quais outras necessitas?

Que aspectos você crê que seria necessário mudar não espaço público não qual vivemos?

Teria sentido fazer um mapa de “prioridades cidadãos”?

Existem modelos para todo isso?

Se poderiam aplicar a nosso contexto atual?

Como fazer que as contradições não nos paralisem, mas que seja a semente do caminho?

Em definitiva: qual é a forma de facilitar a transferência da inovação social ao espaço público?

### [VIC] está formado por:

*Criadores:*

Esaú Acosta Pérez: Arquiteto pela ETSAM, UPM em 2004. Estudos de Sociologia pela UNED (2008

- ). Maestria em Projeto Arquitetônicos Avançados em 2012 pela ETSAM na linha de Pesquisa Teoria e Crítica. É auxiliar “Mentor” na cátedra de Carmen Espejel (2010-2012). Bolsista do Ministério de Fomento (2000) para os seminários internacionais de arquitetura Madrid City (Ben Van Berkel e Caroline Bos). Trabalhou nos escritórios de Fernando Menis, AMP, Mariano Bayón e no escritório de Jean Nouvel na ampliação do Reina Sofía, em Madri.

**Mauro Gil-Fournier Esquerria:** Arquiteto pela ETSAM, UPM em 2004. Diploma de Estudos Avançados no Departamento de Projetos em 2011 pela ETSAM. É auxiliar “Mentor” na cátedra de Frechilla-Pelaez na ETSAM, 2010-2011. Atualmente desenvolve sua tese doutoral. Bolsista do Ministério de Fomento (2000) para os seminários internacionais de arquitetura Madrid City (Ben Van Berkel e Caroline Bos). Trabalhou nos escritórios de Mariano Bayón e Rafael Beneytez.

**Miguel Jaenicke Fontao:** Arquiteto pela ETSAM,

UPM em 2004. Diploma de Estudos Avançados no Departamento de Ideação Gráfica Arquitectónica, 2011, pela ETSAM. Atualmente desenvolve sua tese de doutorado. Máster em Planejamento e Desenvolvimento Territorial Sustentável pela Facultad de Geografía da UAM (2010). Atualmente está finalizando a Licenciatura de Filosofía na UNED. Foi bolsista residente em Chicago, EE.UU, 2000/2001, estudando no Illinois Institute of Technology-IIT e trabalhou no escritório S.O.M. Também tem trabalhado nos escritórios Lamela e DISC-0 em Madri.

\*www.estudiosic.es

\*\*www.estudiofam.com

#### **Colaboram com [VIC]:**

##### *Observatório:*

Ricardo Antón-AMASTÉ, Diego Soroa-Cuantic labs, Olivier Schulbaum-Platoniq, Juan Freire, Paco González-Radarqnet, Ethel Barahona-DPR Barcelona, Elvira López-Entretenderos, Ramón Insa, Antonio Lafuente, Juan Carlos Pacheco, Andrés Walliser, Jara Rocha, Evangelina Guerra, César García, Bernardo Gutiérrez, Sergio Rosillo.

##### *Projetos:*

Alfredo Borghi, Nieves Valle, Carlos Martín de la Moneda.

##### *Workshops:*

Raquel Rennó, Alfredo Puente, Guadalupe Hernández, Arantzazu Luzárraga, AlbaBalmaseda,

Carlos Ruiz, Txelu Balboa, Jara Rocha, Doménico Di Siena, Iván Sánchez, Marta Ferrero.

#### **Descrição**

Seu objetivo é incentivar as transferências dos processos de inovação social, que geram as práticas associadas às iniciativas cidadãs, ao espaço público.

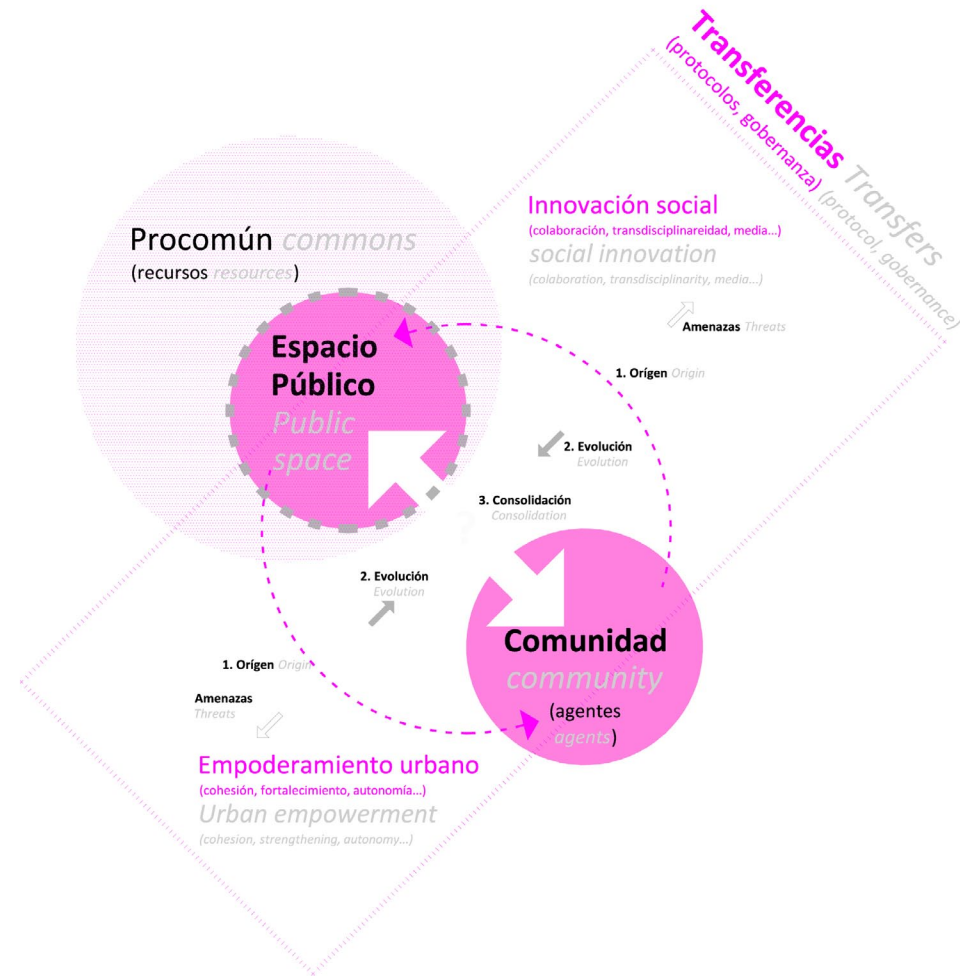
##### *Workshops:*

Neles se propõe repensar e trabalhar sobre o espaço urbano como espaço comum da cidadania. Seu objetivo é incentivar as transferências dos processos de inovação social, que geram as práticas associadas às iniciativas cidadãs, ao espaço público. O processo de trabalho se concretizaria nas possibilidades de atuação destas iniciativas sobre um caso de estudo. Seu objetivo é promover os processos de consulta e participação que escutam e atendem às formas de organização e auto-organização cidadã, pondo em valor a produção de conhecimento e a experiência da comunidade nos processos de tomada de decisões que configuram a esfera pública.

#### **Conceitos** (figura 1)

##### *Espaço Público*

Como recurso e suporte (dentro do comunitário) não qual a comunidade intervém para transformá-lo. Um lugar onde a emergência cidadã se manifesta e constrói em rede, de forma participativa, cooperativa e colaborativa.



### *Inovação social*

Fomentando os valores vinculados à educação, formação, diversidade e participação. Novas ideias que alimentam a eficácia das alternativas para oferecer novas colaborações. Geram maiores benefício social e comunidades mais ativas: em definitiva, mais cidade, mais colaborativa e participativa.

### *Empodeiramento urbano*

Facilitado pelas ferramentas inclusivas que favorecem a transferência da inovação social ao espaço público e seu retorno à comunidade. Aumenta a capacidade na tomada de decisões dos planejamentos urbanos, públicos e do projeto das cidades para impulsionar câmbios positivos.

## A inovação

A sociedade é capaz de inovar para fazer frente aos câmbios socioeconômicos. Ajudados pela transformação tecnológica e a sociedade da informação, numerosos coletivos são capazes de se auto-organizar através das práticas colaborativas, o trabalho em rede e a transferência de conhecimentos de forma que a inovação social flua pelos espaços digitais e analógicos transformando-os. Essas práticas inovadoras recorrem todas as camadas da sociedade e todas as disciplinas, e possuem como eixo o empoderamento dos cidadãos e sua participação ativa em todos os aspectos que têm que ver com o público. Como exemplos poderiam citar:

**Economia:** Gestão comunal, bancos de tempo, decrescimento, micro-financiamento (coletiva), escambo, coworking, autogestão, empresas do pró-comum.

**Mobilidade:** compartilhar transporte, cartografias cidadãs, bicicleta urbana, ruas tranquilas, dispositivos móveis.

**Sociedade:** responsabilidade social corporativa, empoderamento cidadão, correio cidadão, memória coletiva, DIY/DIT/DIWO (do it yourself/together/with others), comuns, slowprofile.

**Cidade:** geo-localização de problemas, assembleias cidadãs, transformação mobiliário urbano, aproveitamento de terrenos vazios, gestão de divisas, playgrounds, apropriação espaço público.

**Vivenda:** aproveitamento de coberturas, monitorização energética, cohousing.

**Cultura:** práticas artísticas alternativas, bookcrossing, biblioteca aberta.

**Meio ambiente:** hortas urbanas e comunais, plantação vegetal, reciclagem, intercâmbio de sementes, ruralização, permacultura.

**Educação:** intercâmbio de conhecimentos, conhecimento aberto, código aberto, aprendizagem, universidade compartilhada.

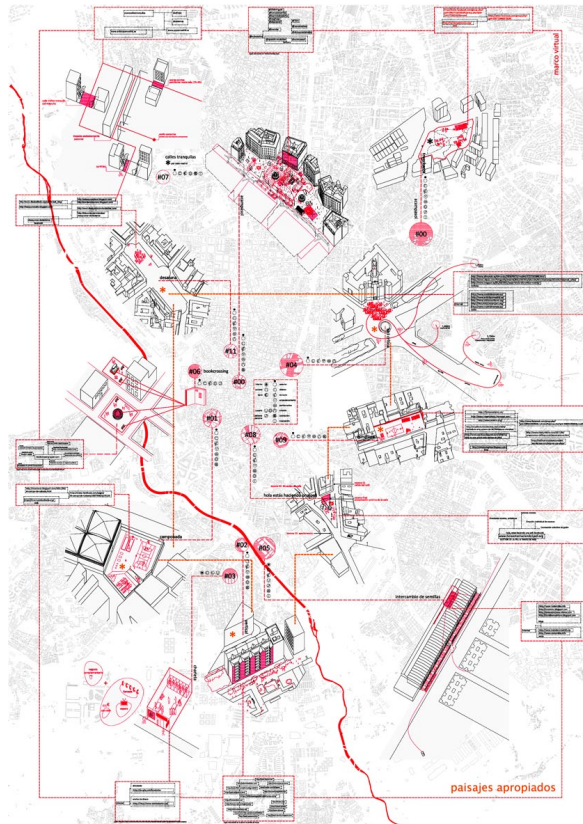
**Tecnologia:** wifi grátis, software livre, identidade digital, trabalho em rede.

**Consumo:** grupos de consumo, prosumers, excedentes, consumo colaborativo, coven ding, espigação, tele-cocinha.

**Política:** transparência, open data, pressupostos participativos, bottom-up, jornalismo cidadão.

## O processo

Todas estas atividades são relativas ao espaço público e delas trata, de forma prioritária, o [VIC]. As atividades que este contém e as potencialidades existentes, aceitando que ele pertence ao pró-comum (commons), isto é, alguma coisa comum e pública e que, em inúmeras ocasiões, encontra-se ameaçada. Seguindo a estrutura atual do pró-comum podemos estabelecer um esquema no qual se inter relacionam os recursos, a comunidade e os modelos de governabilidade (representados pelo espaço público - a cidade, os cidadãos e as transferências respectivamente). Num processo bidirecional a inovação so-



cial repercute no espaço público, de forma que este se transforma, se faz complexo, aglutinando maior participação, informação, organização e conhecimento e diminuindo em consumo de recursos, planificação e restrição. Esse espaço “enriquecido” estimula que a comunidade associada se “empodere”, isto é, que aprenda táticas e técnicas associadas à inovação existente, fazendo suas, usando-as e transmitindo-as, de forma que se incremente a responsabilidade e a autoconsciência do cidadão responsável, participativo e proativo. Esse processo se retroalimenta como os vasos comunicantes, de forma que a inovação social difunde-se através do espaço público e este funciona de forma exemplificadora. São esses processos – as transferências – as que se estudam em profundidade para potencializá-las e extrair delas o valor e sua aplicabilidade às novas situações, contextos e disciplinas.

## A Estrutura

O [VIC] conta com uma plataforma digital aberta e os agentes colaboram nela de forma continuada. A plataforma digital recolhe e se estrutura em três eixos principais: observatório, aplicações e comunicação.

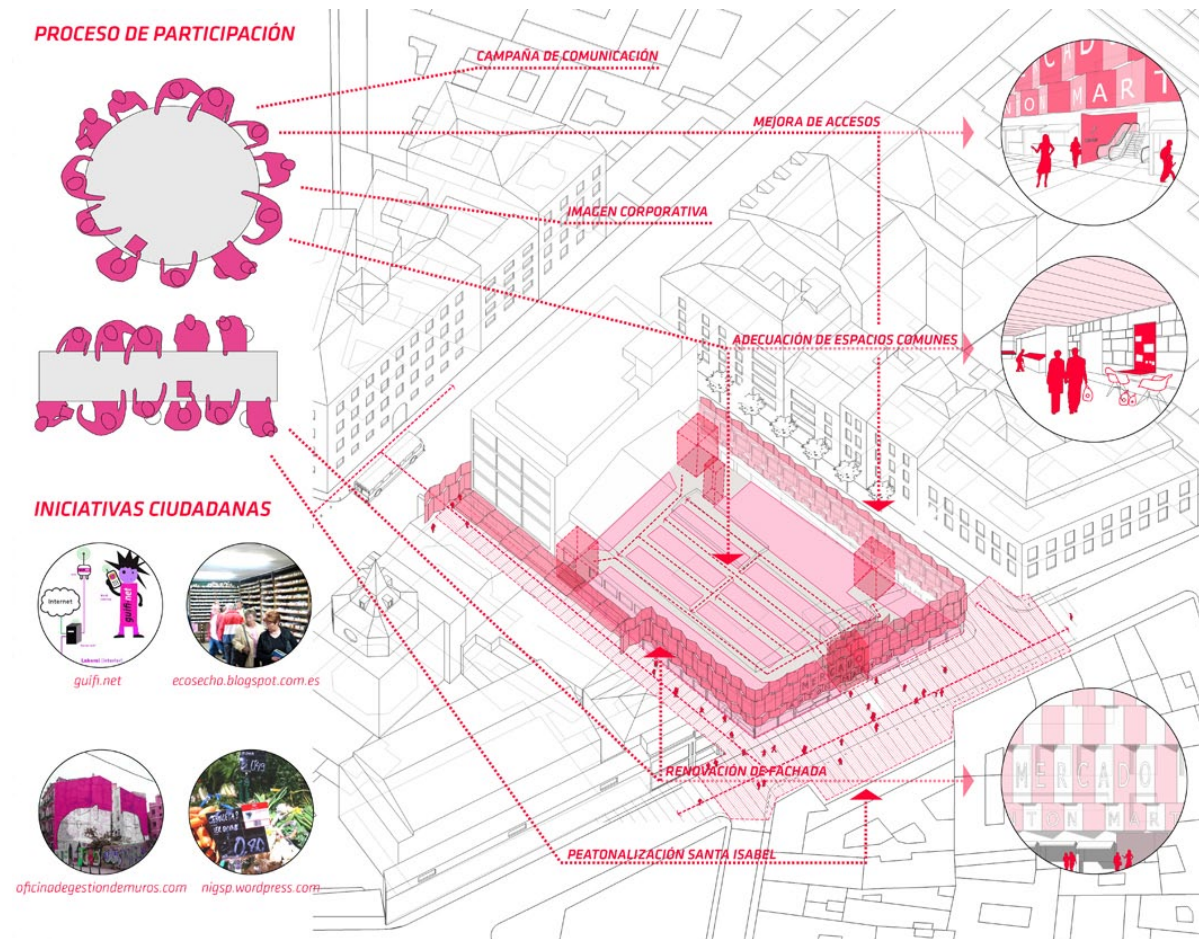
O *observatório*: oferece uma potente ferramenta para cartografar a realidade em busca de elementos de inovação social e suas transferências ao espaço público, entendido este como parte importante do pró comum (*commons*). O obser-

vatório está estruturado em quatro canais absolutamente inter-relacionados, já que a divisão é metodológica, mais que conceitual: agentes, lugares, conceitos e iniciativas cidadãs. (figura 2)

*Agentes (Starring)*: Pessoas físicas e coletivas que trabalham de forma proativa na inovação social e suas transferências. Como cidadãos procuram a co-responsabilidade para uma cidadania mais aberta que construa uma cidade comum. São atores relevantes em sua contribuição ao debate público teórico e por ações realizadas que promovem um pensamento acerca da cidade e o espaço público como recurso comum inalienável.

*Lugares*: Faz referência aos espaços físicos que trabalham, desde a administração pública, a empresa privada ou modelos híbridos, pelo fortalecimento da inovação social e a transformação da mesma. Através de programas de apoio, subvenções, residenciais, foros, eventos, palestras ou publicações que geram um canal de apoio e difusão de práticas inovadoras, apoiando a transferência de conhecimento e o empreendedorismo.

*Conceitos (Glossário aberto)*: Todos os câmbios e transformações descritos geram novos conceitos híbridos e trans-disciplinares, que oferecem definições de práticas e ações inovadoras antes desconhecidas. A elaboração de um glossário conceitual permite estabele-



abarcam todos os campos da vida ainda que possuam em comum o se constituir como alternativa a modelos existentes, institucionalizados e, muitas vezes, ultrapassados. Muitas das iniciativas terminam transformando-se em modelos de negócio exitosos, outras se diluem ou se integram em outras, ou são assimiladas pelo “mercado”, mas é na sua condição emergente onde reside seu “DNA social” e seu caráter mais inovador.

*Aplicaciones:* todo o conhecimento recolhido e relacionado que permite o observatório reverte de forma direta nas distintas aplicações a casos específicos em um contexto determinado. As aplicações combinam aspectos inovadores preexistentes com as condições contextuais do estudo de caso oferecendo uma resposta específica e inovadora, criativa, participativa, sustentável e reproduzível de acordo à colaboração mutua entre agentes, recursos e necessidades. De acordo com sua escala de atuação e nível de definição podem-se dividir em estratégias, projetos e workshops. (figura 3)

cer um contexto de trabalho e pensamento no qual inserir a inovação social, além de uma potente ferramenta pedagógica e intersubjetiva.

*Iniciativas (empoderamiento):* as iniciativas aglutinam a complexidade criada pela interação de agentes, lugares de ação e pensamento. As práticas são muito variadas e

*Estrategias:* compreende a incorporação de elementos inovadores na elaboração de planos e estratégias a grande escala. Ações e propostas a escala urbana ou de bairro, zonas rurais, etc. Também, compreende a consultoria estratégica em planos em longo prazo, nos quais é necessário uma “folha de rota” que elabore uma análise e diagnóstico de uma

problemática pouco definida ou complexa, para derivar propostas específicas e prioridades de atuações particulares que persigam um objetivo comum.

*Projetos:* compreende a realização de projetos a escala de necessidades e programas associados a objetos arquitetônicos, espaços públicos urbanos, renovação de infra-estruturas, revitalização urbana, etc. Esses projetos possuem um grau de definição maior ao trabalhar em escalas mais cotadas. Seus tempos e processos são mais curtos e intensos pelo que requerem um trabalho mais ágil e intenso. Concursos, convocatórias, propostas ou alternativas são vias de desenvolvimento dos projetos, que incluem referências e conhecimentos sobre a inovação social e suas aplicações.

*Workshops:* é a escala mais pequena e efêmeras, mas não por isto, menos exigente e comprometida. Inclui workshops, ações efêmeras, eventos e instalações urbanas que se caracterizam pela sua temporalidade e seu caráter pedagógico. A mensagem deve ser breve, mas concisa e intensa para poder transmitir os valores existentes nos processos de inovação social. Devem possuir capacidade transformadora e atrativa, utilizando muitas vezes o jogo, a denuncia, a ironia ou a expressividade explosiva para chamar a atenção com sua mensagem.

*Comunicação:* finalmente o terceiro eixo, não por isto, menos importante, é a difusão de todas as atividades descritas anteriormente, tanto del observatório como das aplicações. Em um contexto como o atual, no qual a comunicação é ação, é fundamental que a difusão do existente e do proposto possa chegar ao maior número de pessoas, seguindo critérios quantitativos e qualitativos. A difusão inclui tanto ferramentas digitais (web, blogs, facebook, twitter...) como publicações analógicas, palestras e comunicações (call for papers), congressos, foros, encontros, entrevistas, etc.

A própria estrutura do observatório, no qual se relacionam agentes e lugares, permite uma grande difusão das práticas da plataforma, já que esses agentes redistribuem a informação através de redes sociais, pelo qual existe uma potente retro-alimentação.

## **Workshops**

72 HUA Terni, Itália (Septiembre 2012)

Em processo. Ver informação deste novo workshop em: <http://www.facebook.com/72HUA?ref=stream>

Wonderland Prohct Sapce 2012-Mannheim (Alemanha). 1º Premio. (Setembro, 2012)

Em processo, ver informação sobre este workshop em: <http://www.wonderland.cx/index.php?idcat=4>





Figura 4 - Greenvia.



Figura 5 - Mercado abierto.

1. NT: a Prefeitura.
2. NT: "pantalán" é um embarcadouro ou píer pequeno para barcos de pouca tonelagem.
3. NT: lugares onde se cozinhar um típico prato que consiste em fritar primeiro e ferver depois, em vinho ou água com açúcar ou mel e espécies finas, alguma carne, agregando um pouco de limão quando se serve.

### GREENVIA (Madri, 2012)

O conceito e definição, do espaço público, desde a perspectiva da arquitetura, estão por ser reconsiderados. A arquitetura tradicionalmente o tem deixado nas mãos do urbanismo. Longe dessa postura, a arquitetura hoje reivindica sua dimensão urbana, considera-a como parte da infraestrutura e os acontecimentos urbanos. Propõe-se a criação de um espaço público participativo nascido do estudo das apropriações de ditos lugares pela cidadania. Uma sorte de emancipação de casos reais na cidade que de alguma forma são inaceitáveis para a ortodoxia da disciplina. Através de uma convocatória aberta se propõe discutir o conceito de espaço público desde a lógica das iniciativas cidadãs, utilizando como desencadeante o espaço público como de uso comunitário. (figura 4)

### MERCADO ABIERTO (Madri, 2012)

Foro aberto sobre a revitalização dos mercados tradicionais, os novos modelos de mercado e suas possibilidades sociais. Um novo tipo de abastecimento está por chegar: os postos tradicionais estão dando lugar a novos espaços que incorporam o in-between como parte de uma nova relação produtor-consumidor ("prosumidor"). (figura 5)

### Alterpolis (Madri, 2012)

Longe de defender a cidade utópica, o Vivero propõe trabalhar com a realidade como base de uma utopia cotidiana. Pois, já existem iniciati-

vas que funcionam desde muito tempo e representam "outra maneira de fazer as coisas". Essas propostas pela sua base social e relacional constituem cidades gérmen que são recolhidas não Vivero para apoiar e difundir outra forma de gestão da cidade. A plataforma faz visíveis estas iniciativas, lhes dar voz e amplificar seu raio de ação. Assim, se defende uma cidade utópica que não é a imagem de uma metáfora, mas que está cimentada sobre modelos relacionais que já funcionam desde muito tempo atrás. (figura 6)



Figura 6 - Alterpolis.

### Workshop Vertical (Barcelona, 2007)

A Barceloneta cumpre com excesso os critérios de compacidade recomendáveis para a formação da cidade mediterrânea. O modelo de cidade mediterrânea, como modelo exemplar para a formação de cidades não que a compacidade refere-se, densa, heterogênea, com grande continuidade formal e diversidade ao mesmo tempo,

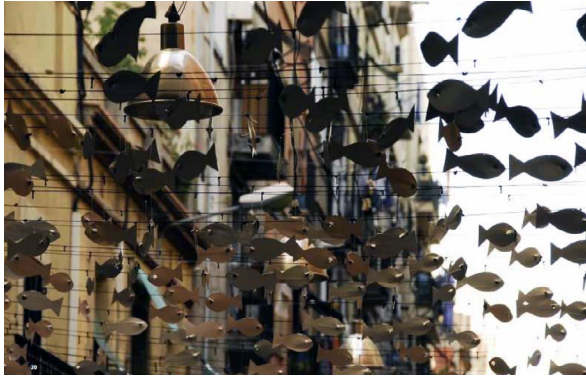


Figura 7 - Workshop vertical.



Figura 8 - Slow Madri.



Figura 9 - Paisagens re-habitadas.

forma a Barceloneta, mas ela mesma tem superado os padrões admissíveis de cidade. As ações passam pela hibridação programática, à consolidação da identidade do bairro, a melhora da conectividade e uma gestão participativa. Foi para repensar a Barceloneta, para observar os câmbios e modificações que a cidadania incorpora de maneira informal nela, que este workshop se organizou. (figura 7)

#### *Slow Madri / comunidades criativas (Madrid, 2010)*

Transformar um lugar, um espaço, uma ação, um elemento ou um ator para poder realizar ambientes funcionais, indeterminados e adaptáveis. Todas as iniciativas cidadãs devem cumprir várias condições: Ser públicas, abertas e coletivas. Ser horizontais. Não se criam com intuito lucrativo, mas surgem de uma nova necessidade detectada. Estudos no espaço público slow: simultaneidade dos processos e atividades, ferramentas que diluem os conflitos produzidos. Cessão de atividades para uma simultaneidade de ações no espaço slow. Processos que reforçam a geração de sensações slow na cidade. (figura 8)

#### *Paisagens Re-habitadas (Leon, 2009)*

Trás detectar a importância de a “constelação” de povoados que formam parte do Alfoz leonês se cria um esvaziamento do centro urbano que potencializa a re-habitação das paisagens rurais. Cada povoado, com sua identidade e características próprias, forma um conjunto articulado através de uma malha subjacente, efêmera, de

recorridos físicos, virtuais e relacionais. Matéria prima para repensar o futuro crescimento da cidade de Leon. Finalizado com um exercício temporal, efêmero, de re-habitação da antiga usina, se reinterpreta a unidade de esta malha rural, sem cuja existência se faria insustentável a cidade. Leon como cidade-rede cheia de lugares desativado no âmbito rural, e no entorno urbano, onde se propus inserir 5 propostas em 5 âmbitos re-habitados. (figura 9)

#### *Tardinha do Miño (Tomiño, 2008)*

Trás anos de diversas atuações à sombra do rio Miño. Um lugar, cujo nome “TO-Miño”, deve recuperar sua essência e sua mais inata singularidade: o rio Miño. As propostas passam pela campanha de comunicação para o Conselho (Concello)<sup>2</sup>, o desenho da sinalização que aproxime aos habitantes e turistas ao rio e uma proposta participativa de “arquitetura-pantalán”<sup>3</sup> de intervenção no rio. Os habitantes do rio, as lampreas<sup>4</sup>, completam a imagem de referência para a identidade. Pela sua singularidade no mundo animal sua geometria fluida seu vampirismo (...). De essa união nasce a imagem proposta para o Concello, na qual se incorpora a inovação social aos processos rurais e à memória coletiva como relato comum. (figura 10)

#### **Encontros** (figura 11)

#### *Entrevistas coletivas (Madri, 2012)*

Entrevistas coletivas é a proposta de estabelecer



Figura 10 - Tardinha.



Figura 11 - Encontros.

um lugar de encontro “cara a cara” entre iniciativas cidadãs. Uma hora e meia onde tomar café e compartilhar metodologias e experiências sobre o espaço público e a inovação social. É um formato de pequena escala que pretende potenciar todo aquilo que se anula nas grandes assembléias.

#### *Declaração universal dos direitos urbanos (Madri, 2012)*

A Declaração Universal dos Direitos Urbanos, não pretende ser uma proclamação, mas uma infra-estrutura de coordenação para a construção comum, um entorno de pensamento ativo que possibilite a gestão qualitativa de informação sobre a cidade e aquilo que significa ser cidadão.

#### *Think Commons (Madri, 2011)*

Think Commons é uma plataforma de pensamento em rede. Um ambiente trans-mídia que promove o debate e gera conhecimento sobre a comunidade, criação coletiva, colaboração, cultura livre e open government. Think Commons é um Ambient Intelligence Network, isto é, um ambiente social que reproduz as condições necessárias para construir uma comunidade de pessoas que interatuam e se reconhecem como atores da mesma.

#### *Até a cozinha (Madri, 2011)*

40 estudos de arquitetura abertos que mostram um programa de eventos e festejos de forma livre e participativa. Uma iniciativa da “Semana da Arquitetura”.

#### *Encontros sobre inovação social (Mérida, 2011)*

A assistência de um público participativo reforçou a ideia do trabalho em rede e de uma clara aposta de suas instituições para posicionar o cidadão como ator principal no desenvolvimento da sociedade. Durante a jornada se falou do desafio da inovação social; I+D+i social e criação de processos participativos; comunidades criativas e desenvolvimento colaborativo; e dos usos sociais das TICs: trabalho em rede, organização coletiva, conhecimento compartilhado.

#### *Hub Express! (Madri, 2011)*

Chegou nossa noite de microfone aberto para quem queira expressar-se em formato express: máximo 3 minutos e meio! Porque gostamos de conhecer aos outros Hubbets, seus projetos, suas visões ou suas artes de uma maneira improvisada e divertida.

#### *CoffeeBreak (Badajoz, 2010)*

The CoffeeBreak é um lugar de encontro, inspiração e efervescência criativa para pessoas que contam com a criatividade e a imaginação como motor de sua futuro. Pessoas que sabem que compartilhar seus projetos é o melhor caminho para alcançar o êxito. Dois dias para re-inventar projetos e organizações, ou para ampliar nossas redes de alianças e contatos com outras pessoas que têm apostado por enfrentar o futuro de outra maneira.